

Um terrível segredo no paraíso

‘Aqueles Que Deixam Omelas’ é a nova incursão de João Pedro Zappa nos palcos

É possível criar um mundo verdadeiramente justo? O que fazer quando cada movimento com esse objetivo parece gerar novas e desconhecidas injustiças? Esses questionamentos guiam o espetáculo “Aqueles que deixam Omelas”, solo narrativo baseado no conto homônimo da renomada autora americana Ursula K Le Guin (1929-2018), nunca publicado no Brasil.

Com direção de João Maia e atuação de João Pedro Zappa, a montagem se constrói a partir do encontro do espectador com o narrador da história, um viajante solitário. Desde que deixou Omelas, ele percorre o mundo contando a história desse lugar de nome exótico, desconhecido por todos.

Num primeiro momento, Omelas parece ser o lugar da utopia: solar, belo, alegre, livre. Mas, na verdade, esconde um segredo, uma feiura e tragédia quase distópicas. Ao revelar esse segredo, a sombra de Omelas aparece, tornando aquele lugar familiar a todos. O relato feito pelo viajante, em detalhes minuciosos, funciona como uma espécie de espelho, onde cada espectador ao se ver refletido, percebe que é parte integrante da distopia de Omelas. Talvez a narrativa do viajante tenha até um caráter de maldição, uma necessidade permanente de dividir com todos a sua própria perplexidade: “Se eu terei de viver para compreender isso que parece incompreensível, vocês também terão...”, diz o personagem para o

público.

Com tom de fábula moral filosófica, a narrativa apresenta uma trama repleta de paradoxos: beleza e sofrimento, liberdade e opressão, justiça e injustiça, dor e prazer. O espectador se vê envolvido por um turbilhão de imagens e acontecimentos, que vão sendo narrados pelo viajante, e mediados por esse jogo de opostos incômodos. A história que está sendo contada, em alguma medida, pode ser a história de qualquer um que esteja ali sentado, ouvindo aquele curioso relato.

Estreando na direção teatral, João Maia P constrói uma cena crua e direta apoiada no trabalho minucioso da construção de imagens poéticas feitas pelo ator-narrador, e por uma cenografia e um figurino minimalistas. “A urgência de contar essa história no Brasil de hoje está ligada à necessidade de se pensar sobre como é complexa a estruturação de uma sociedade mais justa. A quebra da ilusão utópica como caminho para lidar com a turbidez da realidade da experiência social humana no mundo”, avalia o diretor.

SERVIÇO

AQUELES QUE DEIXAM OMELAS

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, ao lado do nº 292 - Humaitá)

Até 15/12, às sextas e sábados (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Maria Estephania/Divulgação



João Pedro Zappa atua no monólogo baseado em conto homônimo de Ursula Le Guin

‘O bom do Rio me cativa todos os dias, mas as chagas também me perturbam’

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Aplaudido nas telonas de Cannes por seu desempenho no filme “Gabriel e a Montanha” (premiado na Semana da Crítica de Cannes de 2017), João Pedro Zappa escala agora uma cordilheira teatral chamada monólogo. O ator carioca convida o público a testemunhar a errância de um viajante solitário que narra, em suas andanças, a saga de seu lugar de berço. Sua raiz parece fincada numa geografia demarcada por cicatrizes, mas irrigada pelo desejo de afirmação. Na entrevista a seguir, ele explica ao Correio da Manhã o que colhe nesse percurso atual pelos palcos.

Em que ponto Omelas pode ser uma metáfora do Rio de Janeiro e de que forma a errância de seu personagem carrega um pouco daquele território imaginário consigo?

João Pedro Zappa: Omelas é o Rio. Assim como é muitos lugares dentro do Rio e no mundo. Dentro e fora da gente. Em cada casa, em cada corpo, em cada mente. Omelas é a festa que alguém vai

ter que limpar. É sair satisfeito do restaurante ou do bar e dar de cara com alguém que está com fome, é voltar para o conforto e segurança de casa, depois de passar por uma família que dorme na rua. É curtir uma praia na Zona Sul ou na Barra enquanto tem invasão policial na CDD ou na Maré. Mas são inescotáveis os exemplos, do micro ao macro. É tomar um drink numa boate em Tel Aviv, enquanto Gaza

é bombardeada. Omelas é também a relação entre esses paradoxos. O Rio, com suas inúmeras contradições, é um prato cheio para essas reflexões. O bom do Rio me cativa todos os dias, mas as chagas também me perturbam. Aqui aprendemos a conviver com o que há de melhor e pior.

Que solidão vai na bagagem do seu personagem?

É a solidão que se carrega quando vivemos uma experiência tão marcante, tão decisiva, que aquilo passa a ser parte de quem somos, mas não há ninguém ao redor que possa compreender exatamente sobre o que estamos falando.

Qual é o desafio de se fazer um monólogo?

Durante a maior parte do processo, éramos apenas eu e o João (Maia P) na sala de ensaio. Ensaíamos literalmente em casa, às vezes na minha, em outras na dele. Não tínhamos a mínima ideia de para onde esse texto iria nos levar, e então começamos. Mesmo sendo um monólogo, não me senti solitário: o João é um espectador ativo. Sua presença é inspiradora.

Você fez parcerias de peso no cinema, com Carolina Jabor, Marcus Vinícius Faustini e Felipe Barbosa, que levou seu rosto a Cannes com “Gabriel e a Montanha”, em 2017. O que esse périplo pelas telas, com essas parcerias, trouxe de saber acerca do ofício cinematográfico? Quando você regressa à telona?

Eu amo o Cinema. Sinto que o set de filmagem é meu habitat natural, tanto quanto o teatro. Atuei em muitos filmes. Só de longa-metragem, eu participei de quinze como ator, sete deles como protagonista, além das séries, como “Santos Dumont” e “Raul Seixas”, que também são cinema. Aprendi muito com cada diretora e diretor, mas também com cada parceria em todos os departamentos e hoje, sinto crescente um desejo de dirigir no audiovisual. Quem sabe um dia, em breve? Por enquanto, aguardo o lançamento de duas séries e um longa para o ano que vem.